

# SINAIS CAPTADOS DA ERA DE SODOMA

## OS IMORAIS

Direção, roteiro e montagem

Geraldo Vietri

Fotografia

Antonio B. Thomé

Cenografia

Ona Paranhos

Elenco

Paulo Castelli

João Francisco Garcia

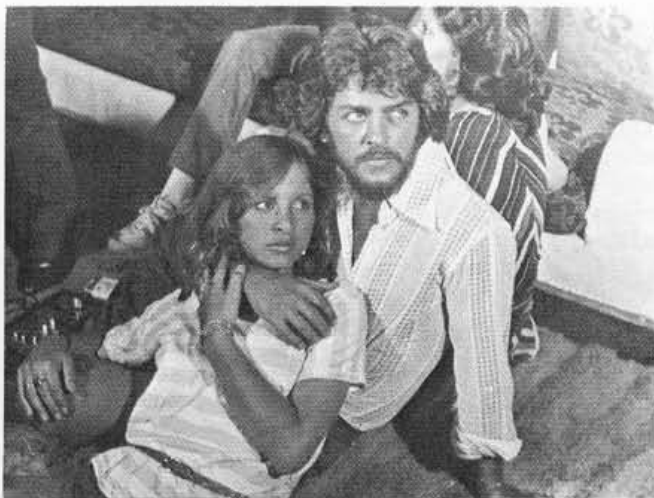
Sandra Bréa

Denis Derkian

Aldine Muller

Elizabeth Hartman

35 mm, Cor  
1978



**I**  
Fui com Etelvina assistir a *Os Imorais*. Achamos um acontecimento no mínimo bissexto no quadro do cinema brasileiro: ver brotarem relações eróticas quase inéditas em nossas telas; que não tinham conseguido emergir senão em extremadas exceções (*Bahia de Todos os Santos*, de Trigueirinho Neto). Achei *Os Imorais* um momento brasileiro em que o erotismo mais sublimado perfura as duras películas em eastmancolor do estado de superego-Capital. Mais modesta, Etelvina sentiu-se reencontrando perdidas pulsações da vida brasileira, como uma escafandrista. Af pensamos: por exemplo, quantos já se teriam perguntado sobre a presença (emergência) desse mesmo universo erótico na formação, formulação e organicidade ideológica (ou afetiva) do Cinema Novo, com seu bando de rapazes? Não se trata de psicanálise, Etelvina. Estou falando dos bastidores — que são importantes, porque se superam a si mesmos. Até Glauber Rocha recentemente se referiu aos bastidores, de maneira muito sintomática, quando disse numa entrevista: “o cinema é uterino, não é anal”; por isso não tem quase homossexuais entre diretores e atores no cinema brasileiro.

“Cala a boca, Etelvina!” Primeiro, ela acha tudo hilariante; só depois percebo o tom confessional. Penso: por que não seriam belos (e cobiçados) os corpos discutindo erógenas teorias (“estética da fome”) em praias lânguidas de Ipanema? Sim, por trás do eastmancolor (ou branco e preto, para as produções mais modestas) haveria corpos doirados, é o que penso. E por acaso não existiria, me pergunto Etelvina, uma estética da contração (ou contração ou castração) anal? Não sei, não me atribua declarações comprometedoras, Etelvina. Como não chegamos a um acordo, fui direto à fonte do espetáculo: os espetaculadores.

**II**  
Esse negócio aí de ficar aproveitando o consumo não tá com nada. O homossexualismo é sabido ser uma coisa de perversão. E fica servindo pra sociedade capitalista faturar em cima da abertura que ela mesma cavou, saca? Eu acho que não tá com nada. Agora todo mundo quer falar desse assunto, porque isso de androginia virou moda. Mas porra, e a virilidade do Homem Novo, esse que não faz do amor uma alienação, uma mercadoria? Eu acredito que um filme desse seja bem sintomático do estágio final do capitalismo, assim quando já está nos estertores. (...) É uma moda importada dos Estados Unidos, centro da decadência burguesa, pra embotar a mente do povo. Não duvido que tenha CIA metida nisso, pra embotar. Uma forma de ópio, como dizia Marx. Porque no socialismo não haverá mais essa necessidade de ... faturar, sabe como é? A prostituição, por exemplo, veja como foi extirpada de Cuba. Lá agora amor é pra valer, amor verdadeiro. Mas um filme como esse mostra que a situação da sexualidade no capitalismo está fedendo de podre. Então eu acho que enchem a cabeça do povo de sacanagens que é pra não pensar mais em mudar a sociedade, sacou? Um negócio assim da mais pura alienação. É isso aí. Esse filme é simplesmente sintomático. Só entrei no cinema por acaso. Acho a Sandra Bréa legal. Mas não tinha sentido o cheiro da carniça.

(estudante de Ciências Sociais ou Filosofia; talvez 22 anos)

É, o público tem protestado um pouco sim. Mas o cinema anda cheio. Apesar de que muitos acham imoral e saem xingando. Outro dia uma mulher veio reclamar comigo aqui na bilheteria,

dizendo que o filme é indecente. (...) Eu? Pra dizer a verdade, adoro, principalmente porque tem dois mocinhos tão lindos. Às vezes eu dou uma escapada e vejo um pedaço. Eu acho demais. (...) Não me importo, gosto de ver os dois homens juntos. Se um já é bom, que dirá dois?

(bilheteira do cinema, possivelmente; meia-idade)

Falta a dignidade de um Pasolini, para tratar de temas como esse, digamos, a relação... quer dizer, o relacionamento, ou seja, o que se costuma chamar vulgarmente de homossexualismo. Só aceito uma proposta dessa quando feita com arte e dignidade, pois sem dignidade não existe arte. Por exemplo, se um Bergman falasse sobre o tema, talvez. Mas no caso, o filme não tem nível. Só chavões. E não convence. Onde já se viu um rapaz ficar apaixonado por outro assim sem mais nem menos, quer dizer, sem motivos reais e verossímeis? Isso pra mim não é arte, é puro sensacionalismo. Além do mais, a interpretação dos atores é sofrível. A montagem é um amontoado de obviedades, falta de imaginação e de inspiração. Coisas que a gente vê todos os dias, em qualquer filminho super-8. Até as tentativas de ironizar são frustradas. Enfim, tudo é frustrado nesse melodrama barato. Repito, eu aceitaria se fosse o Pasolini tratando desse tema escabroso. Mas nem isso dá, porque Pasolini morreu.

(senhor de meia-idade, que se diz crítico de cinema, talvez)

Olha, eu achei o filme simplesmente sublime mesmo. Eu nem sei o que dizer, sabe? Teve uma hora que eu chorei até, assim de tão emocionada. É que eu nunca tinha visto dois bofes tão lindos assim, quer dizer, apaixonados, com aquela música então... Olha, eu nem sei o que dizer. É a quinta vez que vejo o filme. Quando chega então aquela

cena que o menino, aquela bichinha cabeleireira cai nos pés do Mário, que dá chute nele mas é de puro amor, sabe?, aqueles chutes, aquela raiva. Então eu não agüento. Choro todas as vezes que vejo o filme. Na primeira fiquei pasmada, não queria acreditar. Sabê, eu nunca tinha visto um negócio assim tão forte. Quer dizer, nunca aparece essas coisas em cinema, principalmente o nacional. Nem sei como a censura deixou passar. O pessoal dentro do cinema começa a passar mal, a gritar de raiva. Também, mostram tudo às claras mesmo. É demais mesmo. (...) Foi uma amiga quem me avisou. Ela entrou no cinema, gosta muito daquele cinema, sabe? E aí avisou todo mundo. (...) Eu gosto de chorar, sabe? Então venho ver o filme. Aí eu choro, choro. Sabe, é como um sonho bonito. Porque nunca vi dois bofes tão lindos, apaixonados.

(talvez um rapaz; ou uma moça; muito jovem)

(...) É verdade que no filme existem definitivamente dois homens se amando, mãos masculinas se agarrando, um clima de cio não muito comum nas telas brasileiras. Mas Tavinho é o estereótipo da bichinha ingênua e sonhadora, que não faz mal a ninguém. É levado ao sacrifício, no final evidentemente melodramático. O homossexual é mais uma vez sacrificado, vira mártir. Alguns poderão pensar que nós entramos na era da canonização das bichas. Mas eu prefiro achar que o final é a continuidade de uma tradição de assassinar homossexuais no campo da ficção; como quem diz: "mostre-me uma bicha feliz e te mostrarei uma bicha morta". No momento de morrer, Tavinho dá um último sorriso, feliz por ter "redimido" o outro. E mesmo o beijo terno e reconhecido que Mário dá na boca do amigo morto é ainda um beijo cândido e recatado como entre duas irmãs. Então é isso: apesar das aparências, o sexo presente no filme ainda pertence a padrões eróticos fundamentalmente inofensivos. Isso tudo me leva a crer que ao chegar às telas dos grandes cinemas, a questão homossexual já está sendo recuperada. Ou seja, só consegui chegar aí porque foi limpada dos seus elementos mais provocadores, ou porque é apresentada em doses aceitáveis e consumíveis, inclusive colocando o espectador como *voyeur* que vai "espiar" o caso de duas bichas. Apesar de honesto, trata-se de um filme bem comportado. Já a sua estrutura melodramática é um apelo para que o homossexual seja aceito como "gente que não faz mal a ninguém". A nível de consumo, trata-se do primeiro conto-de-fadas para bicha, no cinema brasileiro dos anos 80. Tudo leva a crer que outros virão. Haverá um grande musical brasileiro com pares de bichas dançando na chuva, em pleno centro de São Paulo. Talvez eu até venha a fazer a coreografia.

(um ativista do Movimento de Liberação Homossexual do Brasil, talvez)

O que eu acho? No mínimo, é uma pouca vergonha. Nosso governo devia ser mais rigoroso, e não devia permitir que nossos filhos vissem essa pouca vergonha. Deviam fechar o cinema que apresentar tanta imoralidade. É por isso que o cinema nacional não vai pra frente, porque só faz imoralidade. Deviam respeitar mais a família brasileira. Imagine que venho aqui com minha mulher, por causa da Sandra Bréa, que é uma grande atriz. Se o cartaz avisasse alguma coisa... Mas não! Lá dentro nós nos deparamos com essa pornografia toda. Onde vamos parar com isso?

(pai-de-família, à beira do colapso cardíaco; possivelmente)

O que eu tinha a dizer sobre o filme, eu disse quando liberei para maiores de 18 anos. Ponto final. Se o filme é forte? É forte sim. Mas pessoas adultas podem muito bem captar sua mensagem. E afinal, estamos ou não estamos na fase da abertura? É preciso ser compreensivo, tolerante e democrático com os artistas. Felizmente acho que os brasileiros conseguiram amadurecer. Afinal, entramos na década de 80. Penso até que devíamos ter outros filmes informativos sobre as taras huma-

nas, para exibição em salas especiais. Assim as pessoas assistem e podem conhecer o que é bom, para separar do que é mau. É preciso fazer mais filmes sobre o mal. As pessoas gostam de fazer o mal, obviamente porque o mal é gostoso. Então, ver o mal apresentado nas telas é uma maneira de matar a vontade de fazer o mal. O mal então se torna redentor. No fundo, esses filmes escabrosos trazem paz à alma. Assim pensava o famoso poeta irlandês Lawrence, que escreveu *Maurice*, um romance que ficou engavetado durante muito tempo, só porque falava de homossexualismo! Chego a ficar irritado com uma atitude tão medieval! Eu acho que está na hora de sermos democráticos, modernos. Por bem ou por mal!

(senhor de meia-idade, que se diz Censor; talvez)

O que mais me impressionou nesse filme é que ele trás uma bela amostragem do imaginário homossexual, sobretudo na relação Tavinho/Mário, que está cheia de elementos sado-masoquistas. Eu acho isso fascinante. Por exemplo, Tavinho é castigado com chutes por Mário, que no momento significa o macho ofendido. Ao apanhar, ele agarra-se às pernas do agressor, murmurando palavras de amor. Por outro lado, Mário começa a se apaixonar depois que deu a surra, depois que liberou sua agressividade, chegando inclusive a se preocupar com a saúde de Tavinho. Tem também a fantasia de substituir a fêmea: é a cena cafona, que eu acho fabulosa, quando Mário rola na cama com Glória, ambos nus; mas no corte, nota-se que Tavinho repentinamente está no lugar de Glória. Trata-se de uma típica fantasia homossexual de caráter sado-masoquista, pois Tavinho se identifica com a mulher, o elemento mais frágil, tido como submisso e passivo. Já na segunda metade do filme, esse imaginário se intensifica; Tavinho se vinga, de algum modo: Mário passa a amá-lo mas já não encontra eco no amor de outro. No final, há uma guinada S & M, novamente: ainda que vitorioso, o homossexual morre por amor! Talvez até o roteirista tenha punido Tavinho porque seu amor leva Mário a se tornar também um homossexual. Aí a relação S & M já passa para o apoteótico: a punição é na verdade a glória de morrer como redentor, o que eu acho fabuloso. Mas é também a maldição que se transmite ao outro, antes de morrer. Trata-se de um vampiro de almas, o jogo sádico prolongando-se sem-fim. Uma coisa fabulosa, fascinante! S & M é um barato total.

(homem jovem, que afirmou ser psiquiatra; talvez)

### III

Etelvina encontrou a seguinte pichação, talvez num muro de São Paulo, talvez não, ela não lembra: "FAMÍLIAS, ADOTEM UM HOMOSSEXUAL! Homossexual é bonito, limpo, como pouco, lava, passa, costura, cozinha, sabe falar, cantar e dançar, consola os desesperados e cuida dos doentes. E então? Não percam mais tempo".

João Silvério Trevisan

*P.S. Etelvina me pergunta se não está brincando com coisas sérias demais. Se há imoralidade ou não. Se há mediocridade ou quando não. Se o filme ou a porta do cinema. Mas eu me pergunto: onde, o limite entre cine e olho? Onde a real diferença entre ficção e fricção? Quem estabelece a real distância entre autor e ator? (Com o que, o autor comunica que as coisas aqui ditas são de exclusiva responsabilidade de quem as escreveu, ou seja, todos, ou seja, todas as esquizofrenias que em resumo estão num só que pode ser muitos e até se fingir de um só, eu. O único sou eu. E o múltiplo também, como no Apocalipse do João, que já preveniu a existência de Sodoma). Etelvina, o cinema brasileiro acaba de entrar na era de Sodoma?*